

Relações dialógicas em discursos típicos do charlatanismo de igrejas neopentecostais em elementos de cura: água e óleo

Dialogical relations in typical discourses of neopentecostal churches' charlatanism in healing elements: water and oil

Flávio de Alencar Matos Júnior¹

RESUMO

Este artigo objetiva realizar uma análise dialógica das práticas discursivas no momento da apresentação da água e do óleo ungido para cura em igrejas neopentecostais, analisando para isso relações dialógicas entre os enunciados típicos da linguagem charlatanesca e as narrativas bíblicas. Para tal objetivo, selecionamos dois vídeos para compor o nosso corpus: Um vídeo da Igreja Mundial do Poder de Deus, que apresenta a venda de água ungida; outro, da Igreja Universal do Reino de Deus, uma chamada-convite para adquirir o óleo consagrado. Em ambos os vídeos, os elementos são apresentados como intermediadores de cura. A base teórica se fundamenta na interrelação entre a Teoria Dialógica em Bakhtin (2011) e os estudos de Porter (1997) sobre a linguagem charlatanesca. A partir das relações interdiscursivas estabelecidas, ou seja, das relações dialógicas entre os três discursos (o charlatanesco, o bíblico e o religioso, este último analisado a partir do discurso dos líderes religiosos de igrejas classificadas como neopentecostal), pudemos concluir que a composição dos discursos dos líderes, quanto aos elementos de cura - água e óleo -, traz consigo vozes de outros discursos. Essas vozes contribuem tanto para a construção de "fatores milagrosos" em torno dos referidos objetos - por meio da retomada de narrativas bíblicas presentes no imaginário dos fiéis - quanto para sustentar os discursos típicos do charlatanismo.

Palavras-chave: Charlatanismo. Neopentecostal. Dialogismo.

ABSTRACT

This article aims to carry out a dialogic analysis of the discursive practices at the moment of presenting water and anointed oil for healing in neo-Pentecostal churches, analyzing for this purpose dialogic relations between the typical utterances of charlatanism language and biblical narratives. For this objective, we selected two videos to compose our corpus: A video from the Igreja Mundial do Poder de Deus, which presents the sale of anointed water; another, from the Igreja Universal do Reino de Deus, a call-invitation to acquire the consecrated oil. In both videos, the elements are presented as intermediaries of healing. The theoretical basis is based on the interrelationship between Bakhtin's Dialogical Theory (2011) and Porter's (1997) studies on charlatanism language. Based on the interdiscursive relations established, that is, the dialogical relations between the three discourses (the charlatanesque, the biblical and the religious, the latter analyzed from the discourse of religious leaders of churches classified as neo-Pentecostal), we were able to conclude that the composition of the The leaders' speeches, regarding the healing elements - water and oil -, bring with them voices from other speeches. These voices contribute both to the construction of "miraculous factors" around the aforementioned objects - through the resumption of biblical narratives present in the imagination of the faithful - and to sustain the typical discourses of charlatanism.

Keywords: Charlatanism. Neo-pentecostal. Dialogism.

¹ Docente temporário da Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Regional do Cariri (URCA). Crato/CE, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2475-0493>. E-mail: flavio.alencar@urca.br.

1 INTRODUÇÃO

Os campos de atividade humana são diversos e sempre se reinventam de acordo com as características de cada contexto histórico. Como as atividades humanas são sempre intermediadas pela linguagem, isso faz com que os sentidos atribuídos às coisas do mundo concreto sejam ressignificados de acordo com as peculiaridades de cada momento histórico, moldando as práticas discursivas de acordo com o espírito da época.

Levando em consideração a diversidade das situações discursivas, destacamos uma que se desenvolve no campo religioso brasileiro, no caso, os enunciados produzidos pelas igrejas neopentecostais no momento em que são apresentados a água e o óleo como objetos sagrados capazes de promover o milagre da cura. Partimos do pressuposto de que é por meio das relações dialógicas entre enunciados anteriores que os líderes neopentecostais ressignificam o sentido desses elementos no contexto religioso contemporâneo.

O objetivo geral consiste em realizar uma análise dialógica das práticas discursivas da apresentação da água e do óleo ungidos como promotores de cura divina em igrejas neopentecostais. Os objetivos específicos são analisar as relações dialógica dessas práticas discursivas com a linguagem charlatanesca e como os interlocutores se apropriam das narrativas bíblicas para legitimar os seus discursos. Vale ressaltar que não é nossa intenção realizar qualquer juízo de valor de teor absoluto, nem em relação às pessoas que depositam a sua fé nesses elementos e nem a de afirmar que tais práticas são de fato charlatanismo; como também, demonstrar a partir da teoria dialógica bakhtiniana que tais práticas, na verdade, são típicas ou apresentam as mesmas características do discurso charlatanesco.

Metodologicamente, os aspectos teóricos e analíticos se desenvolvem simultaneamente e se dividem da seguinte maneira: na segunda seção, apresentamos as situações de uso do termo charlatão/charlatanismo. Inicialmente, apresentamos as definições dicionarizadas, pois é a partir delas que conseguimos correlacionar o uso dos termos no âmbito da medicina e no âmbito religioso. Em relação a este último, focamos em um enunciado no qual a água ungida é apresentada como promotora de cura; e outra situação enunciativa em que o promotor da cura é o óleo. Tais enunciados são submetidos ao princípio teórico da história social da linguagem em relação ao charlatanismo, desenvolvido por Porter (1997).

Visto que utilizar água e óleo como elementos intermediadores de promoção de milagres é prática comum dos líderes das igrejas neopentecostais, esta justifica-se pelo simbolismo de pureza e consagração com que esses elementos são apresentados em algumas narrativas bíblicas e, assim, aceitos pelos membros das igrejas neopentecostais como verdadeiras. Julgamos necessário apresentar, na terceira seção, como os elementos água e óleo são tratados nos textos bíblicos. Para isso, tanto para água como para o óleo selecionamos duas narrativas bíblicas, uma no Antigo Testamento e a outra no Novo Testamento, para exemplificar como esses elementos são tratados no livro sagrado dos cristãos.

Por fim, na seção 4, tomamos para corpus de estudo um vídeo da Igreja Mundial do Poder de Deus, cujo conteúdo consiste no oferecimento da "água ungida", e outro vídeo da Igreja Universal do Reino de Deus, cujo conteúdo consiste no oferecimento do "óleo consagrado". A partir desses vídeos, analisamos as relações dialógicas do discurso presente nos enunciados com os discursos charlatanescos e com os relatos bíblicos, a fim

de identificar como essas relações discursivas colaboram para que o uso da água e do óleo continue, ainda, sendo considerado elementos milagrosos no imaginário dos fiéis.

Para isso, utilizaremos, como base teórica, os estudos de Porter (1997) na obra “História social da linguagem”; e de Bakhtin (2011) em “Estética da criação verbal”. Para melhor entendimento da teoria do dialogismo bakhtiniano, contaremos com “Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin”, de Sobral (2009) e “Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin”, de Faraco (2009).

2 AS SITUAÇÕES DE USO DOS TERMOS CHARLATÃO/CHARLATANISMO

A princípio, o termo charlatanismo foi utilizado no âmbito da medicina para distinguir os médicos profissionais daqueles que exerciam a medicina sem uma formação acadêmica e ainda garantiam a cura de qualquer enfermidade por meio de suas panaceias. (PORTER, 1997). A palavra charlatanismo atravessou as fronteiras do campo semântico da medicina, por isso faz-se necessário identificar as definições dicionarizadas para charlatanismo a fim de entendermos a ampliação de significado que esse termo tomou entre os usuários da língua.

A origem do termo “charlatanismo” vem da palavra italiana *ciarlare*: “tagarelar, falar muito ou falar com ênfase” (BILATE, 2019, p. 208). Traremos a seguir a definição do verbete charlatanismo e de suas variantes, para compreendermos que essa expressão vai além do contexto médico e pode ser utilizada em várias situações comunicativas, como a religiosa, por exemplo, que é o contexto no qual esse estudo pretende analisar. Portanto, trazemos a definição de charlatanismo e de verbetes derivados do Dicionário Online de Português, vejamos:

Charlatanismo (sm) 1. Ação, comportamento, dito ou prática de charlatão; charlatanice.2. [Jurídico] Exploração da credulidade pública através da venda de produtos e/ou serviços incapazes de curar doenças. **Charlatão** (sm)1. [Pejorativo] Aquele que se utiliza da boa-fé de alguém, geralmente, fingindo atributos e qualidades que não possui, para obter (dessa pessoa) quaisquer vantagens, ganhos, lucros etc.; impostor. 2. Quem comercializa medicamentos, supostamente, milagrosos, enganando o público. 3. [Por Extensão] Indivíduo que se diz curandeiro por possuir remédios miraculosos. 4. [Por Extensão] Aquele que se passa por médico, pautando-se em sua experiência, sem possuir conhecimentos teóricos. 5. [Pejorativo] Médico sem competência nem escrúpulos. 6. [adjetivo] Que não tem competência para exercer sua profissão: médico charlatão. (Dicionário Online de Português, 2020, destaque nosso).

Esta definição, além de reforçar o uso no contexto da medicina, apresenta o objetivo daqueles que usam do discurso charlatão para obter vantagens financeiras, lograr lucro de qualquer maneira; outro sentido que podemos observar é o estabelecimento do termo charlatão como forma de insulto àquele que não exerce a profissão com eficiência, mesmo tendo uma formação acadêmica; e, também, a proximidade com a ideia de curandeirismo, ou seja, em algumas situações de uso, o verbete charlatanismo pode ser usado como palavra intercambiável com curandeirismo. Essas duas últimas definições não serão objeto de estudo neste artigo, sugerimos a exploração desses sentidos em trabalhos futuros.

A partir da análise das definições dos verbetes relacionados ao charlatanismo, fica evidente que há a necessidade de realizar uma análise desse termo: no campo da medicina, para entender a sua origem, como também, no campo no discurso religioso, que é o nosso foco. A seguir, destacamos as situações de uso do charlatão/charlatanismo nesses dois campos da atividade humana.

A expressão "charlatanismo" associou-se intimamente à prática médica, tendo em vista que desde a origem até a atualidade, a palavra ainda está estreitamente relacionada de alguma maneira às práticas médicas. Diante disso, iremos destacar o estudo feito por Porter em "História social da linguagem", cujo objetivo foi analisar a linguagem do charlatanismo na Inglaterra, 1660-1800, dando destaque à linguagem médica e religiosa relacionada à cura. É importante destacar que a ação propriamente dita do charlatanismo ocorre mediante a linguagem, daí a importância de pesquisar este tema em uma perspectiva linguística.

Porter (1997) dedica-se, na maior parte do seu texto, a descrever a importância da linguagem para o estabelecimento das práticas charlatanescas na medicina, tendo em vista que a perspectiva filosófica positivista era predominante em meio aos intelectuais no período da análise pré-estabelecido por ele. Um contexto totalmente positivista tornou o ambiente propício para "incentivar a controvérsia e o escândalo, uma vez que os *quacks* (charlatões) dependiam muito da linguagem, do dom da loquacidade, para, num primeiro momento conquistar os clientes e, em seguida, cura-los" (PORTER, 1997, p. 84).

E, logo após descrever o empenho dos médicos profissionais em denunciar os males à saúde dos pacientes que tomavam os remédios secretos criados pelos "falsos" médicos e descrever os contra-argumentos dos charlatões, os quais acusavam a própria ortodoxia médica de realizar as mesmas práticas charlatanescas, Porter caracteriza os charlatões da seguinte forma:

[...] a linguagem dos charlatões, que entendo ser aqueles profissionais (honestos ou não), competentes ou não que exerciam sua prática principalmente no mercado aberto, tratando uma clientela anônima de pacientes por meio da venda de panaceias, e que tornavam conhecidas seus serviços, seu saber médico e a si mesmos por meio de publicidade; em outras palavras, aqueles que desenvolveram a dimensão empresarial da medicina. (PORTER, 1997, p. 90).

Tendo, como base o exposto, podemos ter a percepção do porquê de as situações discursivas charlatanescas estarem intimamente ligadas às práticas médicas ou de saúde em geral. A partir da compreensão, já no século XVII, de que as questões relacionadas à saúde passaram a ser tratadas como um mercado comercial abrangente, expansivo e muito lucrativo; tornou-se necessário usar os elementos da tagarelice, do falar muito, de fazer barulho, enfim, de charlar para conquistar cada vez mais clientes.

Para finalizar esta relação entre medicina e linguagem do charlatanismo, iremos selecionar três características da linguagem do charlatão arroladas por Porter, com intuito de identifica-las, a posteriori, nos discursos contemporâneos de religiosos neopentecostais. A primeira característica é o caráter unidirecional do discurso charlatanesco, cujo objetivo é cativar a atenção dos ouvintes, persuadindo-os, quebrando as resistências e transmitindo uma enorme confiança na eficácia dos produtos ou serviços comercializados em prol da cura de qualquer enfermidade. Porter acrescenta que

Ao contrário de cura em grupo, da cura pela fala da psicanálise ou até mesmo a rotina da clínica médica, o charlatanismo pressupõe um público de estranhos que é relativamente calado e passivo – de fato, 'paciente'. Ainda que não fosse 'cativo', ele é receptivo (quem não quer saúde?): seu silêncio reverente significa consentimento. As clientelas dos charlatões são como os ouvintes do demagogo, os frequentadores de teatros ou a congregação de um pregador. (PORTER, 1997, p. 91).

Mesmo Porter tendo destacado a passividade dos ouvintes, essa passividade não é absoluta, o ato de parar e ouvir já é uma atitude responsiva ao pedido de atenção do

charlatão, como destacado por Porter (1997), o silêncio já é uma atitude de consentimento ao discurso do charlatão.

Outra característica típica do discurso charlatanesco é a linguagem de confiança em relação aos benefícios das panaceias, usando até do desdenho quando alguém cogitava da ineficácia do seu remédio milagroso. Porter (1997, p. 92) irá esclarecer que “eles vilipendiavam a impostura e a inércia, reivindicavam a infalibilidade de suas panaceias e alegavam curar os incuráveis. A maioria deles tinha um truque publicitário: se não curar, não precisa pagar [...]”. Dos recursos que a linguagem lhes dava, como toda atividade comercial, o comércio da saúde não é isento da arte publicitária e os charlatões se utilizaram dela muito bem.

A última particularidade que destacamos sobre o discurso charlatanesco em Porter (1997) é o traço de distinção social nos nomes dos remédios; ou seja, para demonstrar, aos seus interlocutores, a eficácia e a credibilidade das suas panaceias, os charlatões se esforçavam em associar as suas panaceias ao uso por parte de alguém importante na sociedade, principalmente ligado à realeza, e colocava o nome do medicamento, o nome da pessoa de prestígio social que tomou o medicamento e foi curado de sua enfermidade. Tal circunstância era algo que podia transformar-se em uma grande oportunidade comercial. Porter declara, em relação aos títulos dos rótulos dos medicamentos: “... ecoando os títulos dos poderosos. Junto com o ‘Decachor Real de Sintelaer’, era possível experimentar as ‘Pílulas Imperiais’, de James Graham [...] Muitos médicos charlatões exaltaram suas conexões (reais ou inventadas) com a realeza.” (PORTER, 1997, p. 105). Como podemos notar, as práticas charlatanescas de fato surgem no âmbito da medicina comercial e se desenvolvem a partir do domínio e do reconhecimento do poder, por parte dos “médicos” charlatões, da linguagem verbal, seja oral ou escrita, sobre os seus interlocutores. Destacamos que a relação entre o charlatanismo e a medicina só foi possível a partir da constatação de que os significados dos verbetes, predominantemente, trazem essa relação como evidenciado em Porter (1997).

A definição do Dicionário Online de Português apresenta outras possibilidades de significado que nos proporciona ampliar o uso da palavra charlatão além do campo semântico da medicina comercial., como por exemplo, o significado 1: “1. [Pejorativo] Aquele que se utiliza da boa-fé de alguém, geralmente, fingindo atributos e qualidades que não possui, para obter (dessa pessoa) quaisquer vantagens, ganhos, lucros etc.; impostor”. O significado 1 nos permite utilizar a palavra charlatão não apenas para o falso médico, mas para denominar qualquer pessoa que tenta obter lucros a partir da boa-fé de outrem, tal característica pode ser observada no âmbito religioso, e é esse empreendimento que pretendemos realizar. Restringimos nossa análise, especificamente, no meio neopentecostal.

O termo neopentecostal é designado para nomear, de forma genérica, as igrejas fundadas a partir dos anos 1970 no Brasil, que surgiram a partir do que Freston (1993) classificou de terceira onda do pentecostalismo brasileiro. Nos últimos anos, é notório o crescimento dessas igrejas e, conseqüentemente, suas influências nos debates públicos. Para ser enquadrada como uma instituição neopentecostal, a igreja deve apresentar as características teológicas e comportamentais distintivas dessa corrente. Moraes (2010), citando o sociólogo Ricardo Mariano, irá traçar um perfil para caracterizar uma igreja como neopentecostal:

Quanto mais próxima dessas características estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal. Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra-igreja (empresariais, políticas, culturais, assistenciais), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estará do espírito, do ethos e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal. (MARIANO apud MORAES, 2010, p. 2).

Essas características somadas ao processo de formação da religiosidade brasileira, que sempre valoriza aquilo que é místico, obscuro; uma “religiosidade sentimental, intuitiva, de caráter mágico e nem um pouco tétrico - muito pelo contrário, feliz e expansiva” (MORAES, 2010, p. 11), são fatores que contribuíram para o progresso do neopentecostalismo no Brasil.

É justamente por explorar, mediante o discurso, as questões sentimentais, intuitivas e, principalmente, o caráter mágico, que os líderes dessas igrejas são hodiernamente chamados de charlatões pelos não-fieis, levando em consideração as suas aparições na TV, sempre fazendo apelos extravagantes aos fieis para realizarem doação em dinheiro em troca de alguma “benção” que só eles são capazes de realizar. Aliado a isso, chama a atenção às fortunas que os líderes/fundadores dessas igrejas acumulam no Brasil, a maior delas chega à cifra de R\$ 2 bilhões, que é a estimativa da fortuna do Pr. Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, segundo a Forbes (2020). Assim, o charlatanismo sempre é um estigma que acompanha as igrejas neopentecostais nas situações de debate público.

Um contexto típico que aproxima as práticas presentes no neopentecostalismo às práticas típicas do charlatanismo é quando essas igrejas atribuem a elementos ungidos, o poder de curar o incurável, à semelhança dos charlatões do século XVII, com as suas panaceias, como vimos anteriormente. A água e o óleo são os dois elementos que corriqueiramente aparecem como elementos ungidos que curam qualquer enfermidade – como um tipo de panaceia –, até mesmo doenças em um estágio avançado. Muitos são os que vão até as igrejas neopentecostais em busca da cura das suas enfermidades a partir do poder curativo atribuído à água e ao óleo que, na maioria das vezes, não ofertadas por parte da igreja de forma voluntária aos fieis, mas sim vendidas.

Insistimos que esse valor de panaceia atribuído à água e ao óleo aproxima as práticas charlatanescas daqueles que exploravam, e ainda exploram a boa-fé das pessoas com a medicina comercial, como vimos anteriormente. Justificando, assim, o uso do termo charlatão/charlatanismo no meio religioso. Diante disso, colocando a saúde em risco e permitindo, pela boa fé, a serem usados, questionamos como a água e o óleo se constituíram, no imaginário das pessoas, como elementos válidos para a realização de curas das enfermidades? Não é raro que as pessoas busquem esse tipo de método alternativo de tratamento e deixem de seguir as prescrições médicas para usarem, apenas, a água ou o óleo como tratamento. Discutimos essa questão no próximo capítulo.

3 OS ELEMENTOS ÁGUA E ÓLEO EM ALGUMAS NARRATIVAS BÍBLICAS

Esta seção tem o objetivo de apresentar como os elementos água e óleo são tratados nos textos bíblicos, não de forma exaustiva. As narrativas destacadas possibilitaram identificar um princípio para o estabelecimento desses elementos como símbolos de cura para os cristãos, especificamente entre os de perspectiva neopentecostal.

Para compreendermos como a água e o óleo se constituem, no contexto neopentecostal, como itens passíveis de realizar a cura de enfermidades, precisaremos ir até a fonte de autoridade, a qual julgamos ser a Bíblia Sagrada, Bakhtin (2011) afirma ser possível estabelecer a relação dialógica em relação “a confiança na palavra do outro e a recepção reverencial (a palavra autoritária)”. Neste caso, há no discurso religioso o caráter de “palavra transcendental”, a partir da qual os neopentecostais justificam a prática de apresentar a água e o óleo unguídos como alternativa de cura para aqueles que procuram a igreja. E a inspiração, a fonte e a autoridade para tais práticas estão intimamente relacionadas, a priori, às narrativas bíblicas.

É, pois, a partir desta constatação, que destaca-se o uso dos elementos água e óleo com sentidos extralinguísticos na Bíblia para, em seguida, estabelecermos as relações dialógicas entre os textos bíblicos, o discurso dos neopentecostais e, ainda, o discurso charlatanesco.

O primeiro elemento que damos destaque é a água. Logo nos capítulos iniciais do Antigo Testamento, no livro de Gêneses, com a narrativa do dilúvio, temos a água como um elemento associado à justiça e à purificação. De justiça, pois, segundo o relato bíblico, Deus fez perecer toda a humanidade, exceto a família de Noé; de purificação, pois foi com as águas do dilúvio que, segundo o relato bíblico, a Terra foi purificada da maldade daquela geração. Assim, já identificamos uma resignificação, dada à água, que vai além do elemento concreto líquido: a de purificação.

Além do exemplo do dilúvio, que foi um exemplo de justiça e purificação pela água de forma concreta, destacamos mais um exemplo, ainda no Antigo Testamento, de purificação pela água, no entanto, não de forma concreta como relatado acima, mas com um aspecto metafórico. Vejamos o relato que consta registrado no livro do profeta Ezequiel 36: 22-25:

Por isso diga à nação de Israel: 'Assim diz o Soberano Senhor: Não é por causa de vocês, ó nação de Israel, que vou fazer essas coisas, mas por causa do meu santo nome, o qual vocês profanaram entre as nações para onde foram. Mostrarei a santidade do meu santo nome, o qual foi profanado entre as nações, o nome que vocês profanaram no meio delas. Então as nações saberão que eu sou o Senhor, palavra do Soberano Senhor, quando eu me mostrar santo por meio de vocês diante dos olhos delas. 'Pois eu os tirei das nações, os ajuntarei do meio de todas as terras e os trarei de volta para a sua própria terra. Aspergirei água pura sobre vocês, e vocês ficarão puros; eu os purificarei de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos. (BÍBLIA, EZEQUIEL, 36: 22-25).

A descrição registrada por Ezequiel proferido pelo próprio “Soberano Senhor” diz respeito ao registro de uma nova aliança com o povo de Israel, que se encontrava exilado na Babilônia, no tempo do reinado do rei Nabucodonosor. Como observamos na citação, esta nova aliança consiste em libertá-los do exílio e levá-los de volta a Canaã. E para que as nações saibam da grandeza do “Soberano Senhor”, Ele promete livrar os israelitas do cativeiro e levá-los “a sua própria terra”. No final da citação, vemos que a entrada na terra santa é condicionada à purificação do povo israelita, e esta purificação é realizada a partir da aspersão da água, da água pura. Os israelitas seriam purificados através da água, das práticas aprendidas com os babilônicos que desagradavam ao “Soberano Senhor”. Assim, exemplificamos o valor metafórico ao elemento água como forma de purificação, desta vez não de forma concreta como foi no dilúvio, mas como condição necessária para retornar a terra prometida, ou seja, limpar-se as impurezas espirituais com a água pura.

Continuando nossa investigação de ressignificações dado ao elemento água nos relatos bíblicos, daremos destaque a outros sentidos metafóricos atribuídos à água, só que agora registrado no Novo Testamento. Restringiremos a nossa análise em duas passagens no Evangelho Segundo João. Vejamos, portanto, as passagens em João 4:10-15 e 7:37-39b, respectivamente:

Jesus respondeu: "Quem beber desta água terá sede outra vez, mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Pelo contrário, a água que eu lhe der se tomará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna". A mulher lhe disse: "Senhor, dê-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise voltar aqui para tirar água". (BÍBLIA, JOÃO, 4: 13-15). No último e mais importante dia da festa, Jesus levantou-se e disse em alta voz: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva". Ele estava se referindo ao Espírito, que mais tarde receberiam os que nele cressem; [...]. (BÍBLIA, JOÃO, 7: 37-39b).

A expressão "água viva" é muito comum tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Nas duas citações destacadas acima, a expressão água viva tem significados distintos, cada um faz referência a um aspecto muito relevante para a fé cristã. Na primeira citação, temos um trecho do diálogo de Jesus com a mulher samaritana, a quem Jesus tinha pedido um pouco de água para saciar a sede, e a mulher samaritana interpela Jesus pelo fato de Ele sendo judeu, pedir água a uma samaritana, algo muito incomum, pois os judeus não se davam bem com os samaritanos, e quando Jesus responde que se ela soubesse quem Ele era de fato, pediria-lhe água viva. A expressão água viva, neste contexto, diz respeito à vida eterna que só Jesus pode oferecer. Na verdade, Ele se coloca na posição da própria água viva, ou seja, Jesus é a água viva e quem beber desta água terá a vida eterna.

Já na segunda citação, trata-se de outra fala de Jesus no fim da festa judaica dos tabernáculos, quando Jesus levanta-se e pronuncia essas palavras à multidão. A expressão "a água viva", nesse caso, faz referência ao Espírito Santo, que para os cristãos é o próprio Deus, e quem experimentar da água viva, que é o próprio Jesus, como vimos no parágrafo anterior, terá "um rio fluindo do seu interior" que é a alegria de ter o Espírito Santo habitando no corpo daqueles que creem, parafraseando aqui a passagem bíblica acima.

Com os relatos bíblicos que destacamos, podemos perceber que desde os primórdios do cristianismo a água é um elemento carregado de simbolismo. Podemos concluir, portanto, que tendo a água como um símbolo de purificação, de vida eterna e da presença do próprio Deus na pessoa do Espírito Santo, tendo como autoridade nas falas o "Soberano Senhor" e Jesus, não é difícil de chegar à conclusão de que a água é um ótimo elemento para se incluir no meio religioso, com uma perspectiva comercial e com o objetivo de obter vantagens financeiras com a boa-fé das pessoas.

O segundo elemento que contribui para as práticas típicas do charlatanismo no meio neopentecostal é o óleo/azeite. Apresentaremos o uso do óleo/azeite, primeiramente, no Antigo Testamento, e em seguida no Novo Testamento, seguindo assim, o mesmo padrão de quando apresentamos as metáforas no uso da água. No Antigo Testamento destacamos abaixo um trecho do livro de Êxodo 30: 22-33:

Em seguida o Senhor disse a Moisés: 'Junte as seguintes especiarias: seis quilos de mirra líquida, a metade disso, ou seja, três quilos de canela, três quilos de cana aromática, seis quilos de cássia, com base no peso padrão do santuário, e um galão de azeite de oliva. Faça com eles o óleo sagrado para as unções, uma mistura de aromas, obra de perfumista. Este será o óleo sagrado para as unções. Use-o para ungir a Tenda do Encontro, a arca da aliança, a mesa e todos os seus utensílios, o candelabro e os seus utensílios, o altar do incenso, o altar do holocausto e todos os seus utensílios, e a bacia com a sua base. Você os consagrará e serão

santíssimos, e tudo o que neles tocar se tornará santo. "Unja Arão e seus filhos e consagre-os para que me sirvam como sacerdotes. Diga aos israelitas: Este será o meu óleo sagrado para as unções, geração após geração [...]". (BÍBLIA, ÊXODO, 30: 22-31).

O trecho acima corresponde à descrição da constituição do óleo da unção, na voz do próprio Deus, como também, a sua funcionalidade no tabernáculo, que no caso, era de consagrar os utensílios e os sacerdotes do tabernáculo. Logo após a fuga dos hebreus da terra do Egito, inicia-se a sua peregrinação pelo deserto rumo à terra prometida e durante esta caminhada, Deus estaria presente por meio do tabernáculo, que deveria ser construído. Simbolicamente, o tabernáculo representava a tenda régia de Deus.

Como o tabernáculo era a habitação de Deus, todos os utensílios e os sacerdotes que iriam realizar os sacrifícios no tabernáculo deveriam ser ungidos com o óleo da unção, ou seja, deveriam ser consagrados, separados do mundo exterior para uso exclusivo de Deus. Posteriormente, além dos utensílios do tabernáculo e dos sacerdotes, o óleo sagrado ficou sendo utilizado para a consagração dos reis e profetas, assim, a autoridade era concedida pelo ato de ungir com óleo. O óleo/azeite no tempo do Antigo Testamento tinha um valor muito significativo, tinha o poder de consagrar algo a Deus, e o uso tinha que ser realizado de forma responsável.

Agora iremos destacar outro trecho da Bíblia Sagrada, no Novo Testamento, em que o uso do óleo/azeite é central na narrativa. Selecionamos dois trechos, um no Evangelho Segundo Marcos 6:12-13: "Eles saíram e pregaram ao povo que se arrependesse. Expulsavam muitos demônios, ungiam muitos doentes com óleo e os curavam." (BÍBLIA, MATEUS, 6:12-13). E o outro na Epístola de Tiago 5:13: Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. (BÍBLIA, THIAGO, 5: 13).

Nesses dois trechos vemos a utilização do azeite como um elemento mediador para a realização de cura. No primeiro, "Eles" se referem aos discípulos que, logo após as instruções de Jesus, foram enviados para anunciar o evangelho, e o resultado dessa peregrinação foi a expulsão de demônios e a cura de doentes. Já no segundo exemplo, temos o conselho de Tiago, irmão de Jesus, aos judeus que tinham se convertido ao cristianismo, de chamar o líder da igreja para passar o óleo ungido sobre os doentes e orarem pela cura.

Fica claro, então, que, particularmente as igrejas neopentecostais, articulam dialogicamente os discursos bíblicos para atribuir à água e ao óleo algum tipo de poder de cura. Com o exemplo do Antigo Testamento, com o uso do óleo como consagração, e com os exemplos do Novo Testamento, com o uso do óleo como remédio natural para a cura de algumas doenças ou como algo associado à fé para trazer a cura, temos os elementos necessários para identificar em um corpus as relações dialógicas com os discursos típicos do charlatanismo presente na fala de líderes neopentecostais.

4 RELAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE O DISCURSO TÍPICO DO CHARLATANISMO NO MEIO NEOPENTECOSTAL NOS ELEMENTOS DE CURA: ÁGUA E ÓLEO

Nos discursos de apresentação dos elementos água e óleo, por parte dos líderes das igrejas neopentecostais, há uma tendência ao misticismo e à ativação, nos ouvintes, dos simbolismos que esses elementos possuem na formação da espiritualidade dos fiéis, os quais foram utilizados metaforicamente como meio de promover: a justiça, a purificação,

a vida eterna, a presença do Espírito Santo, a consagração e o intermediador de cura, como visto no capítulo anterior.

O nosso desafio neste capítulo é analisar, no discurso neopentecostal, uma relação dialógica, conforme a perspectiva bakhtiniana, com os textos bíblicos, e ao mesmo tempo, realizar uma correlação entre as práticas dos líderes neopentecostais no oferecimento da água e do óleo como intermediadores de cura, com as três práticas típicas do charlatanismo que destacamos na seção 2.

O *corpus* no qual iremos realizar essa discussão consiste em dois vídeos. Um vídeo com o título “Água unguida” – Igreja Mundial do Reino de Deus, de 2min 57s, disponível desde 2014 na plataforma de vídeos *Youtube*, o seu conteúdo de forma geral, consiste no oferecimento, por parte de um dos líderes da Igreja Mundial do Poder de Deus - IMPD, de pequenas garrafas com rótulos contendo o *slogan* da igreja, com “água unguida” com a promessa de milagres na vida das pessoas que a adquirirem com oferta a partir de R\$ 100,00. O espaço da fala acontece em um ambiente preparado para a transmissão de TV e sem plateia, o pastor, nesse caso, interage diretamente com os telespectadores.

O outro vídeo tem o título, VT - Distribuição do óleo Consagrado no Templo de Salomão, de 1min 20s, disponível desde 2014 na plataforma de vídeos do *YouTube*, cujo conteúdo consiste em uma chamada-convite, na voz de um narrador, para receber na sede nacional, no Brasil, da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, o óleo consagrado, com o qual receberá o benefício da cura, libertação, restauração familiar ou qualquer outro milagre. Sendo aquela a maior denominação neopentecostal do Brasil e esta a denominação neopentecostal de maior ascensão atualmente no país, garantimos, dessa forma, a relevância e a representatividade do *corpus* selecionado para a submissão da análise.

Antes de iniciarmos a análise dos *corpora* na perspectiva dialógica bakhtiniana, consideramos necessário esclarecer o motivo pelo qual não dedicamos uma seção anterior específica para apresentar o Dialogismo. Nossa intenção é apresentar os principais elementos constitutivos do dialogismo de forma prática enquanto realizamos a análise dos vídeos sobre a água e o óleo unguido.

Feito o esclarecimento. Vamos para a análise. De forma geral, podemos caracterizar o dialogismo da seguinte maneira em Bakhtin (2011, p. 410):

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-os) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação.

O diálogo aqui não se refere à interação face a face, mas parte do pressuposto de que “a linguagem e os discursos têm os seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da interação entre subjetividades no intercâmbio verbal” (SOBRAL, 2009, p. 32). Esta interação é fator indissociável ao conceito de dialogismo tendo em vista que “toda enunciação é uma resposta, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo uma ‘pergunta’, uma ‘interpelação’ a outras enunciações” (SOBRAL, 2009, p. 33). Assim, a voz, ou ato discursivo humano, envolve a

relação, a interação com várias vozes, ou seja, de vários atos, como podemos concluir da citação acima, nenhum sujeito é a fonte do discurso.

Tendo isso em mente, quando, no vídeo da IMPD, o pastor apresenta a garrafinha com água e faz a seguinte declaração: “Estarei pessoalmente entregando a você esta água, a água que o apóstolo Valdomiro abençoou. Esfregando em suas mãos, declarando através desta água a restauração da sua vida, em apenas uma gota dela [...]”. Como também no trecho do enunciado da IURD, o narrador, logo no início do vídeo: “Distribuição do óleo consagrado no templo de Salomão pelo Bispo Macedo [...]”. Podemos perceber, portanto, que nesses trechos dos enunciados, a compreensão do enunciado depende de a capacidade do interlocutor estabelecer a relação interdiscursiva dos termos “água abençoada”, “água para consagração” e “óleo consagrado” com as vozes de discursos anteriores, que neste caso, trata-se das narrativas bíblicas.

Há, portanto, nas falas dos locutores uma relação dialógica com os textos bíblicos. No momento em que associa água e óleo com expressões tais como: milagre, consagração, restauração, purificação, em um contexto religioso, trazem para si e para os seus interlocutores, toda a carga axiológica que essas palavras possuem no contexto do judaico-cristão para a construção das significações pretendidas. Faraco (2009, p. 47) irá esclarecer que “para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo”. Na concepção da Teoria Dialógica do Discurso, o enunciado é sempre ideológico. E por ideologia entende-se, em Bakhtin, “a todos os produtos da cultura dita imaterial, e possui um significado” (FARACO, 2009, p. 47).

Além da relação dialógica com as narrativas bíblicas, podemos, também, estabelecer uma relação dialógica com os discursos típicos do charlatanismo da cultura medicinal comercial como vimos em Porter (1997). Esta relação é possível pelo entendimento do que é o dialogismo no sentido amplo: o entrecruzamento de múltiplos discursos. Assim, nesses dois primeiros trechos dos vídeos há uma relação dialógica com a característica unilateral do discurso charlatanesco, cujo objeto é cativar a atenção dos ouvintes, persuadindo-os, quebrando as resistências e transmitindo confiança nos benefícios do produto.

O discurso presente nos vídeos é construído a partir da relação dialógica entre as metáforas para água e óleo nos relatos bíblicos, como também, a relação dialógica com o discurso característico do charlatanismo buscando persuadir o fiel (cliente) por meio de elementos que o cativam, apelando para uma memória que aponta para a sacralização dos produtos água e óleo, associados às adjetivações sagradas/abençoadas, e a construção de sentido dessas relações dialógicas resultando em novas significações para o signo, como vemos em Bakhtin (2011, p. 410), “reviverão em forma renovada (em novo contexto)”, neste caso, no contexto religioso neopentecostal. Essas vozes (discursos), presente na voz (discurso) dos líderes das igrejas neopentecostais, corroboram para o aumento considerável de pessoas que procuram na água ou óleo ungido a solução dos seus problemas do mundo material, sem nenhum comprometimento com o mundo espiritual e nem mesmo questionam se tais práticas são válidas ou não, de acordo com os ensinamentos bíblicos, para a contemporaneidade. Destacamos, nesse primeiro momento, a relação dialógica entre discursos, visto que todo discurso dialoga com outros discursos, toda palavra é cercada de outras palavras (BAKHTIN, 2011).

Agora partiremos para outro aspecto muito importante para a Teoria Dialógica, que é a relação entre sujeito, ou seja, a interação entre os sujeitos para conceber o sentido. “A interação é apresentada assim como constitutiva do processo contínuo de criação de sentido, pois, sem ela, há uma separação, ou afastamento, do dialógico e, portanto, não há sentido” (SOBRAL, 2009, p. 40). Essa afirmação de Sobral é um esclarecimento sobre o caráter central da interação na construção de sentido dada por Bakhtin: “Chamo sentidos às respostas a perguntas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós. [...] A índole responsiva do sentido. O sentido sempre responde a certas perguntas. Aquilo que a nada responde se afigura sem sentido para nós, afastado do diálogo” (BATHIN, 2011, p. 381).

Para a construção do sentido nas falas do pastor e do narrador dos vídeos em análise, considera-se o nível de interação. Iremos considerar o que Sobral (2009, p. 44) classifica de “nível do contexto imediato do intercâmbio verbal”, e explica, “esse é o nível dos imaginários e das práticas sociais, da constituição e da legitimação de quem pode dizer o quê a quem em que momento e de que maneira(s)”.

No vídeo da IMPD, o lugar de fala é ocupado pela figura do pastor. A figura do pastor, em si, já é uma figura de autoridade na interação com os membros da igreja. E quando o pastor interage a partir do púlpito a relação de autoridade se intensifica, pois, o que é dito no púlpito, no imaginário dos seus interlocutores, é uma mensagem do próprio Deus. Portanto, quando o pastor usa o púlpito para oferecer água consagrada a seus interlocutores, a atitude responsiva – que é elemento constitutivo da interação – é aceitar a água, mesmo que lhe custe dinheiro, pois é como se fosse um apelo do próprio Deus; sem contar, como vimos anteriormente, toda a carga ideológica existente sobre água no contexto judaico-cristão.

Já no vídeo da IURD, durante a narrativa do convite para receber o óleo consagrado, o vídeo apresenta imagens de pastores com o óleo, com vestes semelhantes às usadas pelos sacerdotes no tempo do Antigo Testamento. E em um determinado momento do vídeo o narrador afirma: “assim como no passado, hoje multidões relatam os benefícios da unção com óleo”. A interação, nesse caso, é estabelecida com a promessa de que o óleo irá suprir qualquer necessidade dos seus interlocutores, através do milagre, que só o óleo da igreja pode proporcionar descartando dessa maneira, até mesmo, a figura de Deus.

Nos dois casos podemos perceber que os aspectos sociais e históricos dos sujeitos na interação, manifestam na identidade de autoridade, de uma forma específica, na figura dos pastores, a depender do outro e do contexto em que se encontram, ou seja, da necessidade de receber algum milagre do divino através da água e do óleo. Concluímos a importância da interação na relação dialógica entre os sujeitos com o esclarecimento de Sobral (2009, p. 39) de que fora da interação dialógica não há sentido, e complementa: “a concepção dialógica sustenta que, antes mesmo de falar, o locutor altera, ‘modula’, sua fala, seu modo de dizer de acordo com a ‘imagem presumida que cria de interlocutores típicos do grupo a que se dirige”.

Além do estabelecimento da interação com base na figura da autoridade do locutor e a ação responsiva dos interlocutores a partir dos elementos água e óleo unguento, podemos perceber também a interação dialógica advinda do recurso da publicidade, segunda característica típica do discurso charlatanesco a que damos destaque. Como vimos anteriormente em Porter (1997), era típico dos charlatões reivindicarem a

infalibilidade de suas panaceias e alegavam curar os incuráveis. A maioria deles utilizava-se de truques publicitários.

No vídeo da IMPD, é possível identificar pelo menos três itens de publicidade para realizar a relação dialógica: primeiro, na segurança da infalibilidade da eficácia da água ungida: “em apenas uma gota dela que você utilizar já vai ser o suficiente para que Deus opere o milagre em sua vida [...] Só uma gota desta água eu tenho certeza absoluta, absoluta”; segundo: a ideia de que está fazendo um bem para si e para a manutenção do programa em canal aberto de TV, ou seja, está fazendo algo para Deus: “Você que ainda não tem essa galãozinho, esse garrafãozinho, eu gostaria que você ligasse e adquirisse, por que no mês de outubro, você vai ajudar esse ministério, nós precisamos de milhares e milhares de pessoas ajudando essa programação porque ela não pode sair do ar”; e terceiro, as garrafinhas possuem um rótulo com o logotipo da igreja e com a frase “Sê tu uma benção” em destaque, que é uma referência bíblica que está presente em todos os produtos que IMPD utiliza como mediador de milagres.

No vídeo da IURD, também é possível identificar itens publicitários relacionados ao óleo. O primeiro é a relação do óleo consagrado distribuído pela igreja como sendo o mesmo óleo consagrado nos tempos bíblicos do Antigo Testamento: “assim como no passado, ainda hoje muitos relatam o benefício da unção com óleo”; segundo, ainda consequente do primeiro, é que não é qualquer óleo, é o óleo de Israel e o óleo que foi consagrado no Templo de Salomão (sede da IURN, no Brasil), trazendo novamente todo valor ideológico das narrativas bíblicas, agora como publicidade para estabelecer a interação com o interlocutor. Dessa forma estabelecemos mais uma característica típica do discurso charlatanesco, desta feita, a partir da ideia de interação entre sujeitos. Como todo discurso é dialógico (BAKHTIN, 2011), naturalmente o discurso das igrejas neopentecostais é repleto de relações dialógicas com outros discursos que se interligam para compor uma complexa cadeia dialógica para se chegar à construção de sentido dos seus enunciados.

Destacamos, ainda, mais uma relação dialógica nos discursos neopentecostais que os elementos água e óleo mantêm com o discurso charlatanesco. Como já destacamos anteriormente Bakhtin (2011, p. 327) “a confiança na palavra do outro e a recepção reverencial (a palavra autoritária)”. Assim como no discurso charlatanesco sempre se buscava um traço de distinção social nos nomes dos remédios, nos discursos neopentecostais também se busca realizar uma distinção do líder-fundador da igreja em relação aos outros interlocutores. Com isso, diferenciam os seus produtos – água ou óleo – de outras igrejas.

No vídeo da IMPD, temos: “Estarei pessoalmente entregando a você esta água, a água que o apóstolo Valdomiro abençoou”. No vídeo da IURD, encontramos: “Distribuição do óleo consagrado no Templo de Salomão pelo bispo Macedo”. É claro que a credibilidade na eficácia dos benefícios prometidos pela igreja através da água e do óleo, não está no elemento em si, mas naqueles pelo qual os elementos foram abençoados, ou seja, o apóstolo Valdomiro e o bispo Macedo, fundadores da IMPD e IURD, respectivamente. Fazendo uma relação dialógica com as narrativas bíblicas, podemos concluir que esses líderes reivindicam uma posição que é ocupada por Deus nos textos bíblicos, tendo em vista que era o “Soberano Senhor”, o próprio Jesus e o Senhor, quem outorgava o uso da água e do óleo como metáforas para benefícios espirituais. E estes promovem a água e o óleo para benefícios do mundo material.

Finalizamos a análise esclarecendo que na Teoria Dialógica o interlocutor não está numa posição de passividade absoluta, o que pode transparecer quando fizemos relação entre os discursos das igrejas neopentecostais com os textos bíblicos e com o discurso charlatanesco. No Dialogismo, todos os sujeitos envolvidos têm o mesmo grau de responsabilidade nos atos de fala para a construção de sentido por meio da interação. Assim, "o sujeito é essencialmente um agente responsável pelo que faz, agente que, em suas relações sociais e históricas com outros sujeitos igualmente responsável (inclusive apesar de si mesmos), constitui a própria sociedade sem a qual ele mesmo não existe" (SOBRAL, 2009, p. 54). Com isso, os líderes das igrejas neopentecostais são responsáveis pelos seus atos de fala, quanto aos sentidos dados aos enunciados que apresenta água e óleo como milagrosos, e poderíamos listar os efeitos colaterais possíveis que esses discursos podem causar na sociedade, mas esse é objetivo para outro trabalho. De modo consequente, os outros sujeitos, os interlocutores que integram o processo dialógico, também são responsáveis pela produção e reprodução de tais discursos.

5 CONCLUSÕES

Iniciamos o desenvolvimento deste trabalho recorrendo às definições no dicionário para indicar a significação (SOBRAL, 2009) das palavras charlatão / charlatanismo, para em seguida poder estabelecer o tema (SOBRAL, 2009) de tais palavras nos enunciados, caso necessário. Com isso, vimos que as palavras charlatão/charlatanismo, quando utilizadas no campo da medicina, são direcionadas a todas as pessoas que se utilizam da medicina apenas como meio de obter vantagens financeiras e sempre se apresentam com algum medicamento que irá trazer a cura para qualquer tipo de enfermidade.

Apresentamos o uso desses termos no campo religioso, especificamente, nas igrejas neopentecostais, pois nelas é comum vermos práticas típicas do charlatanismo realizadas pelos líderes para obterem vantagens financeiras do oferecimento dos elementos água e óleo para cura e, por isso, comumente acusados, apontados e insultados de charlatanismo/charlatões.

No entanto, essas acusações são feitas por aqueles que não são membros de alguma igreja neopentecostal, por isso a necessidade de identificar o que valida, para os membros das igrejas neopentecostais, o discurso dos seus líderes. Diante desta necessidade, destacamos alguns textos bíblicos que trazem os elementos água e óleo como elementos centrais na sua narrativa, para a partir deles, identificarmos como esses itens, se relacionam com a espiritualidade. E, concluímos, a partir dos textos bíblicos selecionados, que esses elementos foram utilizados com sentido metafórico: restauração, purificação, vida eterna, presença do próprio Deus na pessoa do Espírito Santo e consagração. Vale destacar que todos os significados se relacionam com o aspecto espiritual.

Diante disso, das relações interdiscursivas, ou seja, das relações dialógicas entre os três discursos: o charlatanesco, o bíblico e o religioso, este último analisado a partir do discurso presente em um vídeo da Igreja Mundial do Poder de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus, duas igrejas classificadas como neopentecostais, pudemos concluir que, quando essas igrejas oferecem a água ou óleo como elementos de cura, elas fazem ouvir, nos seus discursos, as "vozes" das narrativas bíblicas, apelando para toda carga simbólica que esses elementos possuem para os membros da igreja, os quais acabam aceitando como válidas tais práticas.

Vale ressaltar, por fim, que além de identificarmos as relações dialógicas com os textos bíblicos, pudemos identificar, dos corpora de estudo, relações dialógicas com os discursos charlatanescos. Concluímos que na composição dos discursos dos líderes das igrejas neopentecostais, quanto aos elementos de cura - água e óleo - trazem consigo “vozes” de outros discursos. Essas “vozes” tanto contribuem para a construção e continuidade de atribuir fatores milagrosos a esses elementos no imaginário das pessoas, quanto apontam para a relação entre tais discursos e o charlatanismo.

REFERÊNCIAS

ÁGUA abençoada da Igreja Mundial de até R\$ 1 000 [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (2,57 min). Publicado pelo Canal Caminho Antigo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oTFAC01GZ1g>. Acesso em: 18 jan. 2023.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BÍBLIA, A. T. Êxodo. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NVI** (Nova Versão Internacional). Organizador geral Keenth Barker; co-organizadores Donald Burdick... [et al.]. – São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 95-157.

BÍBLIA, A. T. Ezequiel. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NVI** (Nova Versão Internacional). Organizador geral Keenth Barker; co-organizadores Donald Burdick... [et al.]. – São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 1377-1452.

BÍBLIA, N. T. João. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NVI** (Nova Versão Internacional). Organizador geral Keenth Barker; co-organizadores Donald Burdick... [et al.]. – São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 1786-1838.

BÍBLIA, N. T. Mateus. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NVI** (Nova Versão Internacional). Organizador geral Keenth Barker; co-organizadores Donald Burdick... [et al.]. – São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 1614-1670.

BÍBLIA, N. T. Tiago. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo NVI** (Nova Versão Internacional). Organizador geral Keenth Barker; co-organizadores Donald Burdick... [et al.]. – São Paulo: Editora Vida, 2003. p. 2118-2123.

BILATE, D. O charlatanismo como problema estético na filosofia moderna. **Revista Prometheus**, n. 31, p. 207-222, 2019.

CHARLATÃO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charlatao/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

CHARLATANISMO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/charlatanismo/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

DAVID, G. Insultos verbais na Paris do século XVIII, In: BURKE, P. e PORTER, R. (org.). **História social da linguagem**. Tradução Álvaro Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP – (UNESP/Cambridge), 1997. p. 121-140.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao impeachment. 1993. 303f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993.

VERONISE, L. B. **Forbes lista cinco pastores mais ricos do Brasil**. <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/forbes-lista-cinco-pastores-mais-ricos-do-brasil/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

MORAES, G. L. Neopentecostalismo: um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**, v. 10, p. 1-19, 2010.

PORTER, R. A linguagem do charlatanismo na Inglaterra, 1660-1800. In: BURKE, P.; PORTER, R. (org.). **História social da linguagem**; tradução Álvaro Hattnher. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 83-119.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, Série Idéias sobre Linguagem. 2009.

VT - Distribuição do óleo Consagrado no Templo de Salomão [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (1,20 min). Publicado pelo Canal Igreja Universal Japão. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ti5ntQx_Tz4. Acesso em: 18 jan. 2023.

Artigo recebido em: 25/01/2023
Artigo aprovado em: 25/05/2023
Artigo publicado em: 16/06/2023

COMO CITAR

MATOS JÚNIOR, F. de A. Relações dialógicas em discursos típicos do charlatanismo de igrejas neopentecostais em elementos de cura: água e óleo. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 12, p. 1-16, e02302, 2023.